

**“SIM, EU ACEITO”: O DESNUDAR DO CORPO EM “A LOUCA
DEBAIXO DO BRANCO”, DE FERNANDA YOUNG**

“Yes, I accept”: the maked body in “A louca debaixo do branco”, by Fernanda Young

Marta Maria Bastos¹
martamariabastos@yahoo.com.br.

Resumo: O presente trabalho pretende uma discussão acerca do lugar que corpo feminino ocupa na cerimônia do casamento, estando vestido e desnudado do seu papel no altar, representando a figura mítica da noiva e toda sua simbologia. A cerimônia de casamento pode ser comparada a um espetáculo teatral, no qual há uma sequência de passagens que compõe o ritual. De certo modo, há uma encenação, embora não seja representada por atores, como no teatro, mas, por pessoas reais, vivendo suas vidas normalmente. Para tanto, tomamos o livro instalação de Fernanda Young **A louca debaixo do branco** (2012), cujo foco está diretamente voltado para a figura da noiva, a fim de verificar como se dá a representação desse corpo nesta ficção literária. Há nele uma metarrepresentação de Fernanda Young, que entra em cena na ficção para representar a noiva. Ela é a modelo que encarna a dupla fantasia de vestir-se de noiva para depois despir-se da noiva. Anos antes de haver esta exposição, ela posou nua para a revista *Playboy*, de novembro de 2009, edição especial de aniversário, como capa e compoendo várias outras páginas da revista, em ensaio temático de nudez artística. A fim de verificar como esse nu aparece no papel representacional da noiva e da revista masculina, acionamos David Le Breton (2003) em **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade; Jean Genet (1970), em **O Balcão**; Lionel Abel (1969), em **Metateatro**: uma visão nova da forma dramática, entre outros teóricos para compor a discussão.

Palavras-chave: Corpo feminino. Metarrepresentação. Fernanda Young. Noiva. Nudez.

Abstract: The present work aims at a discussion about the place that female body occupies in the wedding ceremony, being dressed and naked from its role on the altar, representing the mythical figure of the bride and all its symbology. The wedding ceremony can be compared to a theatrical spectacle, in which there is a sequence of passages that make up the ritual. In a way, there is a staging, although it is not represented by actors, as in the theater, but by real people, living their lives normally. To this end, we take the installation book of Fernanda Young **A**

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

louca debaixo do branco (2012), whose focus is directly focused on the figure of the bride, in order to verify how the representation of this body in this literary fiction takes place. There is in it a metarrepresentation of Fernanda Young, who enters the scene in fiction to represent the bride. She is the model who embodies the double costume of dressing up as a bride and then undressing the bride. Years before this exhibition, she posed nude for *Playboy* magazine, november 2009, special edition of anniversary, as cover, composing several other pages of the magazine, in thematic essay of artistic nudity. In order to verify how this nude appears in the representational role of the bride and the men's magazine, we activated David Le Breton (2003), in **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade; Jean Genet (1970) in **O balcão**; Lionel Abel (1969), in **Metateatro**: uma visão nova da forma dramática, among other theorists to make up the discussion.

Keywords: Female body. Metarrepresentation. Fernanda Young. Bride; Nudity.

A simbologia religiosa do casamento

A representação teatral pode ser considerada como a encenação de um espetáculo no qual todos os detalhes são ensaiados para serem apresentados em um palco iluminado, diante de um público. Esse público que assiste ao espetáculo, e quem sabe, de um modo contemporâneo, também poderá entrar na representação, para dela ser parte integrante.

A cerimônia de casamento pode ser comparada a um espetáculo, no qual há uma sequência de passagens que compõe esse ritual. De certo modo, há uma encenação, embora não seja representada por atores, mas, por pessoas reais, vivendo suas vidas normalmente. Isso não deixa de se parecer com um espetáculo teatral, cujas personagens principais colocadas a frente do altar são os noivos, os pais, os padrinhos, os pajens, as damas de companhia, e, ao fundo, o público que assiste à celebração, representado na figura dos convidados.

Na cerimônia do casamento a noiva é a protagonista. É para ela que são direcionados todos os olhares e atenção, bem como a iluminação, música, ornamentação, fotografia, maquiagem e figurino. Ela é a figura principal, em torno da qual o ritual acontece. Ao noivo é concedido o papel secundário.

A figura do casamento é cheia de simbolismo. No ideário cristão, essa figura é usada com frequência nas Escrituras Sagradas para representar a relação de Deus com seu povo. No

“Sim, Eu Aceito”: O Desnudar Do Corpo Em “A Louca Debaixo Do Branco”, De Fernanda Young

Velho Testamento, Deus é o marido, a mulher é o povo de Israel. No *Novo Testamento*, Cristo é o noivo e a igreja (povo), a noiva.

A noiva é a figura mítica de mulher que simboliza a santa e a pecadora. No altar, ela representa um corpo, virgem, puro, inviolado, que se assemelha à imagem da Virgem Maria, pela pureza e virgindade. Esse corpo imaculado é representado externamente pelo vestido branco, o véu e a grinalda de flores sobre a cabeça e o buquê de flores que traz à mão. Na sequência ao ritual, a consumação do casamento pelo ato sexual, a noiva é despida e esse corpo puro, antes inviolado, é manchado ao perder a pureza da virgindade.

É considerando esta perspectiva de leitura, que o presente texto toma como *corpus* de análise o romance **A louca debaixo do branco** (2012), da escritora carioca contemporânea Fernanda Young, e a revista **Playboy** de novembro (2009), edição especial de aniversário, para a qual Fernanda Young foi capa, além de recheiar várias páginas dessa revista com sua nudez. As duas obras têm algo em comum, além da nudez representada em cada uma delas, pois ambas têm como modelo a mesma mulher, porém, em performances diferentes. Daí o objetivo de tomar como *corpus* de análise as duas obras: o livro e a revista masculina, pela possibilidade da representação do corpo e da identidade que cada uma delas oferece.

Em **A louca debaixo do branco** (2012), o foco está diretamente voltado para a figura da noiva. Há nele uma metarrepresentação de Fernanda Young, que entra em cena na ficção para representar a noiva. Ela é a modelo que encarna a dupla fantasia de vestir-se de noiva para depois despir-se da noiva. Fernanda Young deixou-se fotografar em mais de vinte figurinos para compor o projeto da noiva que deu origem à exposição com o mesmo nome. Este projeto foi idealizado por ela e pelo diretor artístico Diógenes Moura, curador da exposição, realizada no Museu da Imagem e do Som da cidade de São Paulo, no período de 02 de outubro a 25 de novembro de 2012.

Para a exposição **A louca debaixo do branco** (2012), Fernanda Young foi clicada pelos fotógrafos mais renomados do país, em várias sessões de fotos e diferentes cenários, trajando os modelos mais inusitados, muitos deles com desenhos exclusivos para a exposição. Todos os vestidos foram desenhados pelos mais conceituados estilistas brasileiros. Os poemas,

as imagens e entrevistas realizadas com anônimos e famosos; os sonhos, fantasias e frustrações das pessoas entrevistadas, deram origem ao livro.

Para o escritor e crítico de fotografia, Diógenes Moura, (2012) o projeto **A louca debaixo do branco** apresenta um jogo de espelhos, por tratar-se de um autorretrato de uma história que se revê a partir da personagem principal – a noiva – com toda a simbologia que a acompanha: o tão sonhado dia do casamento, algumas histórias de amor contidas nele, a dualidade vida e morte que compõe o romance homônimo escrito por Fernanda Young. Idealizado totalmente como livro-instalação, o casamento, tema central deste representa-se a partir de ensaios fotográficos, cujas imagens, escolhidas na coleção do crítico Rubens Fernandes Júnior constam de fotografias, esculturas, textos, poemas diários, vídeos e o contato entre o público e a autora pela internet.

A temática do erotismo feminino, tratada no livro **A louca debaixo do branco** (2012) e no trabalho artístico para revista masculina **Playboy** do mês de novembro de 2009, edição especial de aniversário, para a qual Fernanda Young posou nua e foi capa, não é nova na obra dela. Conforme menciona Marta Maria Bastos na dissertação intitulada *A mulher (trans) formada na ficção de Fernanda Young* (2014), cujo *corpus* de análise é o romance **A sombra das vossas asas** (1996), da referida autora; o foco é o corpo feminino, tomado pelo viés da cirurgia plástica como estética corporal reparadora. Nele há uma ficção reveladora de uma imagem, gerada a partir dos padrões de beleza propagados pela mídia atual, no qual o belo, o perfeito e o atraente se tornaram símbolos de poder. Carina, a protagonista deste romance, é uma consumidora de bens e produtos da ditadura do corpo esteticamente belo e sensual. Sem nenhuma autoestima, ela se orienta de acordo com os conselhos dos outros, por meio de revistas de moda, de conversas ouvidas de terceiros na academia e das imagens veiculadas na televisão. Torna-se adepta da cirurgia plástica como recurso estético para transformar seu corpo e realizar uma vingança; como resultado, sua identidade também passa por profundas alterações.

Como escritora de literatura, Fernanda Young imprime em seus romances traços que regem a humanidade na era atual, como o apelo ao corpo e as relações de consumo. Sua escrita privilegia o universo feminino e sua subjetividade. Suas personagens vivem traumas psicológicos associados a amores e sua literatura privilegia a cultura da beleza do corpo

“Sim, Eu Aceito”: O Desnudar Do Corpo Em “A Louca Debaixo Do Branco”, De Fernanda Young

feminino, o erotismo e a identidade sexual. Esses, entre outros tantos elementos, são itens que permeiam a cultura que regeu o final do século XX e se faz presente no século XXI.

Desse modo, pretendo estabelecer um paralelo entre as duas obras – o romance **A louca debaixo do branco** e a Revista **Playboy** de novembro de 2009 – pelo viés da representação. O livro contém, além das fotos de Fernanda Young vestida de noiva em vários e diferentes figurinos, um diferencial: para cada foto vestida de noiva, há outra foto dela, nua, no mesmo cenário, com os mesmos adereços e a mesma pose. São duas fotos iguais, porém, uma de vestido de noiva e a outra, nua, sem o vestido de noiva. O livro contém ainda depoimentos da autora do livro e modelo das fotos, poemas, além de entrevistas com anônimos e artistas. A revista traz na capa Fernanda Young e no interior de suas páginas têm várias outras fotos dela, nua, posando como modelo. Para a questão dos papéis que o artista ou escritor assume, recorro a Barthes em **O prazer do texto**:

A arte parece comprometida, histórica e socialmente. Daí o esforço do próprio artista para destruí-la. Vejo três formas para esse esforço. O artista pode passar a um outro significante; se é escritor, torna-se cineasta, pintor ou pelo contrário, se é pintor, cineasta, desenvolver intermináveis situações críticas sobre o cinema, a pintura, reduzir voluntariamente arte à sua crítica (BARTHES, 2013, p. 64).

A exemplo da afirmativa desse autor, a escritora Fernanda Young experimenta outros papéis dentro da arte. Nesses dois trabalhos isso fica claro. Ela idealiza, escreve, representa, apresenta e conduz entrevistas, dá depoimentos, se deixa fotografar como modelo. Para ambos os trabalhos ela apresenta uma crítica da maneira com que o corpo feminino é visto em nossa sociedade. Para as questões do corpo, David Le Breton, em **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**, afirma:

O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o *ser-no-mundo*, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa para se tornar um *kit*, uma soma de partes eventualmente destacáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si para quem o corpo é a peça principal da afirmação pessoal (LE BRETON, 2003, p. 28).

Portanto, de acordo com Le Breton, o corpo é uma construção a serviço do indivíduo que dele se utiliza e experimenta como queira. O corpo serve apenas como matéria, que sustenta

o homem. Dele fragmentado, o corpo funciona como um simples objeto esvaziado de seu caráter simbólico.

A representação do erotismo feminino

Shakespeare afirmou que o mundo todo é um palco; então, tudo é representação. Estamos o tempo todo representando os papéis de nossas vidas, ou melhor, estamos o tempo todo exibindo nossas vidas, de acordo com a visão contemporânea do teatro. Desse modo, a cerimônia do casamento pode ser considerada uma encenação e uma exibição da vida. Aqui, as duas obras em análises serão tomadas pelo que elas contêm enquanto representação. Para tanto, recorro à peça de Jean Genet, **Le Balcon** (1970), e o conceito de “metateatro” (1969), criado por Lionel Abel.

O romance **A louca debaixo do branco** (2012) é um livro com formato de álbum de fotografias, que, embora contenha fotos de uma mesma modelo trajando diferentes figurinos de vestidos de noiva, oferece igualmente a exibição das mesmas fotos da modelo nua, em poses sensuais, que despertam o desejo sexual. Isso, em muito se parece com uma revista erótica masculina, pela exibição do nu e por outros traços que serão discutidos no decorrer da análise. Entretanto, o livro foi elaborado para um público diferente. Não só pelo conteúdo das fotos, mas, pelo erotismo contido em cada uma delas.

Igualmente, a revista masculina **Playboy** (2009) exhibe um apelo ao corpo feminino em poses sensuais. Essa revista tem por modelo da capa Fernanda Young, para além da literatura, por ocasião da comemoração de aniversário, no mês de novembro. Para tanto, foi lançado uma edição especial, na qual ela aparece em pose sensual, vestida de coelhinha, na capa, estampando também mais de vinte páginas da revista em fotos de nudez apelativa ao consumo.

As fotos de Fernanda Young para a revista **Playboy** tiveram por cenário um casarão, no Bairro dos Jardins em São Paulo. Na coletiva da imprensa, para divulgar a revista, a modelo afirmou ter aceitado o convite para ganhar a roupa da coelhinha (um *body* tomara-que-caia, meia calça arrastão, colarinho com gravata borboleta e orelhinhas), que ela julga ser símbolo de sensualidade. Esclarece ainda que quis fazer as fotos para a revista, por que as mulheres que posam nuas hoje em dia não a representam, bem como para resgatar um erotismo em que ela

“Sim, Eu Aceito”: O Desnudar Do Corpo Em “A Louca Debaixo Do Branco”, De Fernanda Young

mesma não esteja representada. Também afirma que dispensou recursos de tecnologia em suas fotos, comumente utilizados para retocar as imagens de revistas masculinas.

A temática do ensaio fotográfico de Fernanda Young para a **Playboy** é “a espera pelo homem amado”. Neste contexto, ela está em um quarto com uma cama desarrumada. Então espera demoradamente pela sua chegada. O que não acontece. Depois ela passa para outros cômodos e lugares da casa, até encontrar em outro quarto, uma mulher, com quem experimenta um beijo e carinho, para depois, sozinha, viver fantasias de aprisionamento ao outro.

Como na revista masculina, o livro **A louca debaixo do branco** (2012) revela o erotismo pela presença do vestir para depois se despir. Nesse poema, composto em forma de verso, de certa forma, Fernanda Young explicita um pouco a questão do despir. É algo que está para além do corpo e nos fornece a possibilidade de entender a narrativa.

Despir o outro de como quero ser visto.
Despir-se daquilo que o outro quer ver.
Vestir o desejo do outro despir.
Despir o desejo de quem vestiu
daquilo que espera mostrar – disfarçando-
vestindo-se.
O tempo gasto para despir o corpo que se
veste para o outro.
O tempo gasto para vestir tudo o que vai ser
tirado.
Quando o outro não quer vestido,
Mas o que vestiu quer ser despido.
Vestir o outro de querer.
Despir a carência de todos.
Foder,
Todo mundo nu ou vestido, consigo
E mentido (YOUNG, 2012, p.12).

Este poema, que inicia o livro, tem na página que o antecede uma fotografia de perfil da modelo Fernanda Young vestida de noiva. Ao lado do poema está a segunda foto de Fernanda Young, nua, em pose e com adereços iguais à primeira fotografia na qual está vestida de noiva. O poema traz a voz da autora e representa essa dualidade que a noiva personifica: o vestir-se para depois despir-se.

No jogo de “despir o outro de como quer ser visto/ Despir-se daquilo que o outro quer ver”, Fernanda Young apresenta a imagem do indivíduo refletida no outro em sua totalidade: o casal, despido de amarras e preconceitos; uma imagem fundida na outra. O indivíduo esconde

por trás das vestimentas sua identidade. A noiva se veste para o desejo do outro (o noivo), e é despida para o desejo dele: um único homem, enquanto que, na revista masculina, a modelo está despida para atender ao apelo consumista de uma infinidade deles. O vestir é colocar máscaras que se sobrepõe para mostrar o que se quer esconder. É nesse mostrar, disfarçando, vestindo-se, realizando o desejo do outro, o despir dos próprios desejos, “transando”, que todo mundo, nu ou vestido, representa o tempo todo, mentindo.

Esse jogo de espelhos que desempenha o papel da figura da noiva, vestida e nua, de certa forma, representa a instituição social chamada casamento. Ao mesmo tempo em que se mostra perfeito aos olhos do outro (a sociedade); em intimidade, o casamento, desnudado, sem máscaras ou disfarces que compõe a representação social, Fernanda Young exhibe e denuncia sua fragilidade como instituição. De certo modo, a exposição da noiva da cerimônia do casamento em **A louca debaixo do branco** pode ser comparada a uma metapeça, assim descrita por Lionel Abel:

Na metapeça sempre haverá um elemento fantástico. Pois nesse tipo de peça a fantasia é essencial, é justamente aquilo que vamos encontrar no âmago da realidade. Em verdade podemos dizer que a metapeça está para a fantasia comum assim como a tragédia está para o melodrama. Assim como na tragédia as atribuições do herói tem de ser necessárias, e não acidentais, na metapeça a vida tem de ser um sonho, e o mundo tem de ser um palco (ABEL, 1969, p. 110).

Daí o questionamento: onde está o elemento fantástico? Ora, se a vida é sonho, como afirmou La Barca, a noiva do casamento é a representação do sonho da maioria das mulheres. Tanto é que ela é reproduzida em vários figurinos diferentes. O elemento fantástico que Fernanda Young apresenta no livro **A louca debaixo do branco** é a loucura, razão da noiva desnudada exibida pela própria autora do livro, pela sua coragem de mostrar-se despida artisticamente no papel social que é imposto à noiva. Fernanda Young quebra esse paradigma ao se colocar na representação, ao desempenhar o papel da noiva e ao despir-se da noiva. É algo inusitado. A metapeça **Le Balcon**, de Genet (1970), de certa forma tem um pouco de semelhança com o enredo do livro. Conforme explicita Abel:

Le Balcon é um bordel cujos clientes, segundo a frase de Madame Irma, “já chegam cada um trazendo seu próprio enredo”. Não há dúvida de que isso identifica a obra como uma metapeça. Entre os clientes estão três mais ou menos destituídos de qualquer personalidade marcante, um dos quais deseja dramatizar-se como um bispo,

“Sim, Eu Aceito”: O Desnudar Do Corpo Em “A Louca Debaixo Do Branco”, De Fernanda Young

o segundo como um juiz e o terceiro como um general. As prostitutas designadas para cada um desses homens propiciam suas ilusões, seus delírios de grandeza, degradando-os a certos momentos, apenas para fazer o ato tomar maior aspecto de realidade. O Grande Balcão é, na realidade, um palácio de ilusões, pois os clientes se vestem com trajes apropriados a seus sonhos; e nós os vemos vestir tais trajes ao se prepararem para suas satisfações peculiares (ABEL, 1969, p. 110-111).

Na peça **O Balcão**, os clientes do bordel vão até lá para viverem suas fantasias sexuais, a partir do momento em que vestem os trajes apropriados a seus sonhos eles vivem as fantasias que idealizaram. O Balcão representa para seus clientes o espaço da concretização dos sonhos e desejos que a sociedade lhes nega. O bordel significa o espaço da libertação dos aprisionamentos a que estão condicionados na vida em sociedade. É interessante que, nessa metapeça, o público assiste aos atores trocando de roupa no palco. Em **A louca debaixo do branco**, Fernanda Young veste a fantasia de noivas e se despe da fantasia de noivas ao mesmo tempo. Ela é sua própria loucura ao cumprir o papel imposto pelas instituições. De acordo com Abel, **O Balcão** conferiu um novo lugar ao figurino no teatro contemporâneo:

Em *Le Balcon* o que Genet fez foi nada menos do que restaurar o valor poético do figurino para o palco. Pois o fato é que, quando vemos aquelas roupas sendo vestidas, podemos aceitá-las como os trajes necessários para aqueles personagens, enquanto se eles já entrassem inteiramente vestidos, ficaria tudo restrito a um trabalho do diretor e do figurinista (ABEL, 1969, p. 111).

O figurino em **O Balcão** é essencial para a ação. Há uma interação do público com os atores em cena, vestindo o figurino para compor suas fantasias sexuais. Na exposição **A louca debaixo do branco**, o figurino é essencial para compor a personagem da noiva e para despir a noiva. Também para a revista masculina **Playboy**, o figurino é muito importante para compor a personagem que posa para as fotos de nudez. Da mesma forma, o cenário e o enredo possuem importância igual para o conjunto da produção de Fernanda Young, seja na exposição, no livro ou na revista masculina, pois, o cenário ajuda a criar a atmosfera que se pretende mostrar.

A noiva versus a coelhinha da Playboy

O livro **A louca debaixo do branco** (2012) e a revista masculina **Playboy** de novembro de 2009 (edição especial de aniversário) têm em comum não apenas as fotos de

nudismo, mas também a modelo em fotos nuas, erotizadas, sensuais e pornográficas. O livro pode ser observado em três dimensões.

A primeira dimensão é o álbum de casamento, representado pelas fotos da modelo vestida de noiva (casamento, função social, sexualidade, prótese, idealizado, pureza, virgindade). O livro é ambíguo por ser um livro íntimo que representa uma situação social para família – o álbum de casamento.

A segunda dimensão é a exposição do álbum de casamento, que tem como fio narrativo na história a traição. Constrói-se, assim, uma narrativa sobre o casamento que é exposto numa exposição. Há a descoberta da traição (o espectro). Ameaças por causa da descoberta da traição. Há ainda, no livro, poesias e entrevistas com diferentes versões. A autora se coloca nas entrevistas com depoimentos de sua vida, transformando o álbum de casamento em auto ficção. Por que o livro instalação? O livro constitui um catálogo da instalação, refletindo tudo o que conteve nessa exposição de arte: fotos, figurino, música, poesia, entrevistas, depoimentos.

Ainda na segunda dimensão a morte é trabalhada em várias chaves: o corpo passa a ser posse do marido, a virgindade (morte) do corpo fechado, incólume. O corpo dentro dele mesmo: a gravidez. Mais uma vez, a figura da morte (parto) aparece quando a mulher traz ao mundo novo ser e o duplicar do corpo dela pelo nascimento do filho.

Na terceira dimensão, há uma ruptura da verossimilhança. Temos duas capas no livro instalação, a primeira capa, retirável, apresenta a noiva vestida, ornada por uma guirlanda de rosas, seu vestido branco tem um bordado vermelho no peito com a afirmativa “SIM”. A segunda capa do livro é fixa. Traz a mesa modelo no mesmo cenário em pose igual, porém, ela está nua, com a fisionomia assustada, ela tapa o sexo com o buquê e o vestido está caído a seus pés. A revista masculina também possui duas capas. No interior dela há o pôster da modelo da capa, o que também aparece no livro de fotos do casamento.

A ruptura da verossimilhança se dá na leitura do próprio casamento. Ele é considerado um livro de pornografia, porque ela expõe o próprio corpo. O corpo é da modelo. Ela se dispõe do corpo e o mostra numa exposição. Há uma reapropriação do próprio corpo. Ela não morreu no fim da narrativa, que apresenta uma foto translúcida do cemitério. Não é só a artista que rompe. É o próprio leitor que, com o direito do marido, tem acesso ao corpo concreto ao erguer

“Sim, Eu Aceito”: O Desnudar Do Corpo Em “A Louca Debaixo Do Branco”, De Fernanda Young

o vestido. Como a própria autora afirma, não aparece a figura masculina nas fotos, o marido é e será o próprio leitor:

Dessa vez, com *A louca debaixo do branco*, casei-me com outros artistas, cada um com a liberdade para vestir-me com a noiva que quisessem, e com a missão de encontrar a louca por debaixo do branco. Ficou um livro com vários narradores – até o leitor pode entrar nele e também fazer parte (YOUNG, 2012, p. 23).

O público é como se fosse o marido, amante. A noiva do livro vestiu-se para agradar ao gosto de cada leitor. A autora não foi a única narradora, mas várias vozes compuseram a tarefa de vestir a noiva e encontrar a louca por debaixo da fantasia. Young apenas emprestou o corpo para viver a fantasia do outro. O livro é não apenas uma exposição do corpo, mas também uma exposição da traição que a autora sentiu na pele. Nas entrevistas, algumas das entrevistadas relatam terem também vivido a experiência da traição. A modelo das fotos de noiva revela que não se casou pura:

[...] comecei a namorar aquele que seria o “amor da minha vida”, e não foi. Mas eu acreditei piamente que seria. Tanto que, num esforço ímpar, pois fui criada pela minha avó beata, depois de um ano de namoro, e dezenas de tentativas, perdi a virgindade. Essa frase é tão cafona que me dá enjoo, mas eu não gostaria de usar o verbo “dar” para descrever aquela primeira experiência. Acho justo ser delicada com aquela que fui naquele instante. Uma menina de dezesseis anos assustada, que devia se casar virgem, mas pensou que casaria com aquele que a desvirginava. Meses depois, eu o pegaria na cama com outra (YOUNG, 2012, p. 21-22).

Fernanda Young rompe biograficamente e faz desse livro um livro de fotos pornográficas. A modelo expõe seu corpo, que é para consumo o masculino (retocado em *photoshop*). É um corpo pornográfico no sentido do consumo. Não se distancia da religião. Por se tratar de um álbum de casamento o livro é intimista, biográfico, pessoal, trata-se de memória, como pode ser verificado nesse trecho do romance:

[...] não me recordo de haver me sentido, ou me imaginado, como uma noiva, na minha roupa de daminha. Mas, com o passar dos anos, fui percebendo que somos criadas, todas, para sonharmos nos vestir de noiva: o vestidinho do batizado, o da primeira comunhão, o de 15 anos, o de formatura, todos são ensaios para um futuro vestido de casamento. Com o qual seremos entregues pelo homem que nos possui a um outro homem, que passará a nos possuir (YOUNG, 2012, p. 20).

Marta Maria Bastos

Em contrapartida, o álbum de casamento com nudez rompe com essa estrutura. Essa ruptura encontra-se no metateatro ao romper com a verossimilhança, subvertendo-a, por meio da peça dentro da peça, os apartes da personagem com o público, os depoimentos da autora e modelo do livro, os procedimentos do fantástico que rompem com a estrutura da peça. No caso do álbum de casamento, a autora Fernanda Young rompe com os elementos do livro, como pode se observar nessa passagem do romance:

Um romance, então, é a estrutura mais perfeita da experiência literária, acho – e eu a venho experimentando mais que posso. Inclusive, através de linguagens que se estendem para fora do livro, da palavra escrita, como o teatro, a televisão, a fotografia, o cinema as artes plásticas. De qualquer forma, ainda creio, aqui, estar escrevendo um romance, contando histórias (YOUNG, 2012, p.23).

O livro é uma exposição da arte contemporânea. Ele é ainda o catálogo dessa exposição do corpo, a que Fernanda Young idealizou e se propôs a realizar. Para tanto, encarnou a fantasia do vestir e despir-se da figura mítica que é a noiva, pela dualidade que representa: o corpo vestido e o corpo nu, sem disfarces, preconceitos, fantasias ou amarras. Para viver o modelo a que se propôs, Fernanda Young revelou ao longo do romance ter certa fixação por noivas, desde menina:

[...] por tudo isso, a noiva. A noiva é o símbolo perfeito do ser humano que quer ser amado. Não há quem não vista fantasias para o olhar do outro, quem não cubra suas feridas narcísicas com tules; filigranas que nos tornam mais atraentes, pois desejam os olhos alheios. Aqueles que só nos verão se obtivermos a perfeição que almejamos. Se somos treinadas a mentir para nós mesmas, sobre quem nós somos, imagina para o outro. Para o outro, queremos camadas de tecidos translúcidos, bordados com pérolas. Para o outro seremos A Noiva. Caso consigamos que o outro veja A Noiva em nós, seremos princesas. Ou não seremos nada (YOUNG, 2012, p. 23).

Aqui, a autora expõe que o desejo de todo ser humano é ser amado. Para ela, a figura da noiva simboliza esse amor. Isso talvez se deva à sua representação da imagem pura, angelical, comparada à imagem da Virgem Maria, figura mítica que povoa o ideário cristão, perfeita aos olhos do outro. A noiva é a fantasia no corpo de mulher que recebe metros e metros de tecidos translúcidos, bordados e pérolas para ser “A Noiva”, esse mito de figura divina e fantástica da princesa, aos olhos do outro, é a ilusão, o sonho. Ou não. Para o outro, essa

“Sim, Eu Aceito”: O Desnudar Do Corpo Em “A Louca Debaixo Do Branco”, De Fernanda Young

fantasia pode não representar nada. Esse mesmo corpo, que representa a figura mítica da virgem Maria, também remete à mulher pega em adultério, a qual foi levada até Jesus, antes de apedrejarem-na, para que ele a julgasse pelo pecado que cometeu; em vez disso a perdoou pelos seus pecados. A noiva se encontra nessa dualidade: entre santa e pecadora.

A revista masculina

Nessa altura da análise, podemos perguntar: por que ela é “a louca debaixo do branco”? O que estará por baixo da fantasia que veste o corpo da noiva – aquilo para o que Fernanda Young chama a atenção do leitor o tempo todo? Uma resposta possível seria a loucura de vestir e despir-se da noiva. O jogo de esconder e mostrar, revelar e ocultar contém muito mais do que aparenta. Para encontrar uma possível resposta para essa loucura, podemos remeter a Bíblia Sagrada na epístola de São Paulo aos Coríntios, que revela que a loucura é sabedoria libertadora:

A linguagem da cruz é loucura para os que se perdem, mas, para os que foram salvos, para nós, é uma força divina. Está escrito: *Destruirei a sabedoria dos sábios, e anularei a prudência dos prudentes* (Is. 29,14). Onde está o sábio? Onde está o erudito? Onde está o argumentador deste mundo? Acaso não declarou Deus por loucura a sabedoria deste mundo? Já que o mundo, com a sua sabedoria não reconheceu a Deus na sua sabedoria divina, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura de sua mensagem. Os judeus pedem milagres, os gregos reclamam a sabedoria; mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, e loucura para os pagãos; mas para os eleitos – quer judeus, quer gregos – a força de Deus e sabedoria de Deus. Pois a loucura de Deus é mais sábia do que os homens e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens (I CORÍNTIOS 18-25).

O apóstolo Paulo chama a atenção para as divisões entre os homens, como a incredulidade dos gregos em um Deus que se deixou pregar numa cruz, não se salvou e o pedido dos judeus para ver milagres. O apóstolo revela a força de Deus diante da comunidade e mostra três paralelos: o louco para confundir o sábio; o fraco para confundir o forte; o que nada é para confundir algo. A loucura é a verdade do mundo.

A louca para o apóstolo Paulo é essa crença no mito (cega), naquilo que transcende a razão, o que está além da razão. A questão do amor, do mistério não é negada pela autora do

livro **A louca debaixo do branco**. Ela está mostrando esse corpo na representação da leitura contemporânea, segundo a qual, a loucura que não se opõe à sabedoria.

Conclusão

O livro **A louca debaixo do branco** apresenta o casamento como uma encenação, na qual há uma representação e apresentação da vida. O foco principal está para a figura da noiva, misto de santa e pecadora, de perfeição e imperfeição. Essa noiva encontra-se o tempo todo sozinha, porque, para a autora do livro e modelo das fotos, o noivo é o leitor, aquele a quem ela delega a tarefa de encontrar por baixo da fantasia do vestido de noiva – a louca.

Fernanda Young entra em cena para vestir-se de noiva e vai muito além, ao revelar, por meio de entrevistas e depoimentos, detalhes de seu casamento e do casamento de pessoas anônimas e artistas. Ela desvela o mito da representação encarnando a figura noiva, ao vestir-se de noiva em diversos figurinos e ao despir-se da noiva em todos eles.

O livro apresenta do início ao fim, uma dualidade de sentidos: vestir e despir, santa e pecadora, liberdade e prisão, vida e morte, sagrado e profano, loucura e razão. Fernanda Young apresenta críticas à instituição do casamento e à sociedade que organiza a vida em cenas perfeitas, quando elas não o são. Para cumprir o papel social a personagem enlouquece. No livro-álbum (dualidade), ela mostra de maneira mais clara: por trás do branco (noiva), há certa loucura. Abre-se mão para cumprir um papel social. São o tirar as máscaras desse papel social que o casamento representa, é nesse gesto que se encontra a loucura. A personagem precisa expor a personagem (noiva)– sua verdade, seu corpo, desejos, ilusões, amigos, fantasias, virgindade, tortura, ritual, possessão.

O livro termina com a louca. É aquela que diz “SIM, eu aceito”. Isso ela diz vestida de noiva, no início do livro; no final do livro ela repete a mesma afirmativa “SIM, eu aceito”, mas, dessa vez ela está desnuda do vestido branco. É o mundo que a chama de louca. É o que os outros dizem. “Sim, eu aceito” tem sentido ambíguo: o da mulher que aceita e consagra o casamento e do que evita a loucura. É a autora se intrometendo como nos poemas, no prefácio,

“Sim, Eu Aceito”: O Desnudar Do Corpo Em “A Louca Debaixo Do Branco”, De Fernanda Young

nos depoimentos e nas entrevistas. É a autora que aceita se despir. A sensatez coloca em contraste. O que ela aceita? O que é o sim que aparece na capa e na conclusão do livro?

As personagens aceitam as regras sociais e enlouquecem. A Fernanda Young recusa: aceita sua própria loucura, consegue se salvar e vive sua individualidade. Ela não é a loucura de que fala São Paulo. Ela é sua própria loucura e não a da noiva ao prometer (cumprir o papel imposto pelas instituições) diante do altar de Deus, do sacerdote (ou celebrante) e do público presente. Sela-se a cerimônia nupcial prometendo ao outro: “eu te recebo (nome) por meu esposo e te prometo ser fiel, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, amando-te e respeitando-te por todos os dias de minha vida”. O noivo repete as mesmas promessas à noiva: “eu te recebo (nome) por minha esposa e te prometo ser fiel, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, amando-te e respeitando-te por todos os dias de minha vida”, até que a morte os separe.

Referências

A **BÍBLIA Sagrada**. Trad. Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria 70. Ed. 1989, p. 1466.

ABEL, Lionel. **Metateatro**: uma visão nova da forma dramática. Trad. Hill and Wang. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1969.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburgel. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BASTOS, Marta Maria. **A mulher (trans) formada na ficção de Fernanda Young**. 2014. 120f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. 2014.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Trad. Marina Appenzeller. Campinas-São Paulo: Papyrus, 2003.

Marta Maria Bastos

GENET, Jean. **O Balcão**. Trad. Jacqueline Castro e Martins Gonçalves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

MOURA, Diógenes. **A louca debaixo do branco**. Disponível em <<http://www.aloucadebaixodobranco.com.br>> (2012). Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

PLAYBOY. São Paulo: Editora: Abril. Ano 35 n. 414. Novembro 2009.

YOUNG, Fernanda. **A louca debaixo do branco**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

_____. **A sombra das vossas asas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Recebido em março de 2021.

Aceito em junho de 2021.